

SHAW, UMA CERTA MULHER E A SOCIEDADE: REVISITANDO *A Profissão da Sra. Warren*

Ricardo Bigi de Aquino

Universidade Federal de Pernambuco

“*A Profissão da Sra. Warren* é uma peça para mulheres,
... ela foi escrita para mulheres ...”
(Shaw, 1940: 21).

George Bernard Shaw (1856-1950) publicou suas “Peças Desagradáveis” há aproximadamente cem anos. O volume, composto de três obras – *Casas de Viúvos* (1892), *O Homem Amado pelas Mulheres* (1893) e *A Profissão da Sra. Warren* (1894) –, reúne as primeiras tentativas dramatúrgicas do autor e expressa sua posição ideológica em face dos chamados “crimes da sociedade”. Como Shaw faz questão de afirmar em seu prefácio a esta edição das peças, sua intenção ao escrevê-las foi de confrontar o espectador com os “fatos desagradáveis” e os “horrores sociais” que o homem comum, como cidadão, prefere ignorar, caso as soluções propostas para eles tenham algum impacto no seu bolso, sob forma de aumento de impostos (Shaw, 1940, p.xxiv-xxv). Das três peças citadas, *A Profissão da Sra. Warren* é a que demonstra maior amadurecimento artístico e a que melhor exerce sua capacidade de denúncia no que diz respeito aos problemas da condição feminina e à hipocrisia das atitudes sociais relativas à prostituição.

O confronto desejado por Shaw provou ser uma bomba de considerável poder destruidor e sua peça borbulha com idéias e emoções capazes de produzir uma reação química altamente corrosiva. A alquimia de Shaw não é, obviamente, aplicada à transformação de algum metal menos nobre em ouro. Muito ao contrário, seu preparado tem por objetivo purgar a sociedade de sua milenar exploração da mulher, seja no âmbito doméstico, seja fora do lar, no inferno competitivo do mercado de trabalho. Cem anos depois, verificamos

que suas denúncias permanecem válidas, sobretudo em lugares onde a mulher ainda sofre discriminação – pessoal, social e profissional.

A *Profissão da Sra. Warren* partilha, com *Casas de Viúvos e O Homem Amado pelas Mulheres*, da mesma visão crítica que nos acostumamos a encontrar em outras peças de Shaw, nas quais o autor examina formas de comportamento características do sistema capitalista e do código moral burguês. Nestes estudos didáticos da sociedade de seu tempo, o autor deixa entrever sua crença no socialismo Fabiano ao tratar seus temas: a relação proprietário-inquilino nos miseráveis cortiços da era industrial (*Casas de Viúvos*); as atitudes burguesas em relação ao casamento (*O Homem Amado pelas Mulheres*); as limitadas opções sócio-econômicas abertas às mulheres das classes desfavorecidas (*A Profissão da Sra. Warren*).

Do ponto de vista da censura teatral, a peça suscitou reações adversas na exata razão de seu poder ofensivo. Na medida em que contrariava as noções de propriedade e decoro então vigentes, foi imediatamente qualificada de imoral, intolerável e altamente subversiva (Shaw, 1940, p.3-7). O tema da prostituição ou, simplesmente, da "mulher com um passado" era, na época, de difícil tratamento em dramaturgia e podia apenas ser encenado sob a ótica relativamente inofensiva de *A Dama das Camélias* (Alexandre Dumas Filho, 1852) ou, no máximo, de modo elegante e velado, como em *A Segunda Sra. Tanqueray* (Arthur Wing Pinero, 1893). Em ambos os casos, Marguerite Gautier e Paula Tanqueray são figuras atraentes, vitimadas por circunstâncias da vida, capazes de despertar profunda simpatia, e morrem convenientemente no final, saldando suas dívidas para com a sociedade e proporcionando uma conclusão adequada à ação dramática. Percorrendo outro caminho, Shaw procura o mais difícil e ousado: colocar a sociedade de seu tempo face a face com uma prostituta e administradora de bordéis de luxo, a Sra. Warren. Para complicar e intensificar o confronto, ele fortalece sua personagem, tornando-a uma mulher de notável personalidade, capaz de articular seus pensamentos e justificar suas ações de modo convincente e admirável. Como se isso não bastasse, o autor permite que a Sra. Warren fale eloqüentemente sobre as razões que a levaram a prostituir-se, criticando abertamente a sociedade e culpando-a por seu destino. Para um público vitoriano, tais verdades não podiam ser expressas e, muito menos, ouvidas. Imediatamente censurado, o texto pôde apenas ser encenado no contexto particular da Stage Society

(1902) e só foi liberado em 1925, ano em que Shaw foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Nos Estados Unidos, o clima mais liberal não impediu que o ator-produtor Arnold Daly e o elenco da primeira montagem norte-americana da peça (1905) fossem processados por imoralidade. Felizmente, foram todos inocentados por um juiz suficientemente esclarecido.

Nossa abordagem da peça tem por objetivo explicitar o tratamento dispensado por Shaw ao tema da prostituição, identificando-o como gerador de conflitos entre as duas principais personagens.

Uma Certa Mulher e a Sociedade

A *Profissão da Sra. Warren* trata de uma situação familiar altamente específica e se insere no contexto da sociedade inglesa do fim da era vitoriana. De fato, as dimensões éticas e morais deste universo se ampliam na medida em que o familiar se projeta no social durante o transcorrer da ação. O enredo é simples mas desconcertante: uma jovem (Vivie Warren), exemplo perfeito da Nova Mulher, inteligente, prática e independente, educada nas melhores escolas e brilhantemente colocada num concurso de Matemática em Cambridge, descobre que sua mãe, com quem convive apenas esporadicamente desde menina, é na verdade uma bem sucedida prostituta. Três homens cruzam seu caminho: um jovem cínico, amoral e sem dinheiro, mas de grande beleza física (Frank), que tenta cortejá-la para usufruir de seus bens e que a trama revela ser, na verdade, seu meio-irmão por parte de pai; um aristocrata de meia-idade (Sir George Crofts), amigo íntimo e sócio nos negócios da Sra. Warren, interessado em tornar Vivie sua esposa, oferecendo-lhe nome e posição social em troca de sua vitalidade e juventude; e, finalmente, um artista de meia-idade (Praed), velho amigo da Sra. Warren e, como representante de uma visão estética e romântica da vida, personagem-contraste de Vivie.

A peça é estruturalmente unificada através do desenvolvimento da relação de Vivie com sua mãe e com os demais personagens: Frank, Crofts e, secundariamente, Praed. O Primeiro Ato, de caráter expositório, introduz as personagens e apresenta as circunstâncias que produzirão os conflitos futuros. Shaw delineia, aqui, a personalidade de Vivie e anuncia seus planos profissionais. No

Segundo Ato, a revelação do passado da Sra. Warren dá lugar à primeira grande cena mãe-filha, com domínio da primeira sobre a segunda. Apesar de chocada com as verdades expostas, Vivie esforça-se para compreender os motivos da mãe e acaba por dar-lhe apoio, não sem expressar sua admiração pela coragem com que esta lutou para se impor num mundo cujas leis são ditadas pelos homens. O Terceiro Ato reverte o jogo de forças da ação com desvantagem para a Sra. Warren: Frank confronta Vivie com uma visão menos sentimental do passado de sua mãe; Crofts lhe propõe casamento e, rejeitado, vingase contando a Vivie toda a verdade sobre as atuais atividades da Sra. Warren no comando de uma rede de prostíbulos de dimensões européias. Não contente, desfecha um derradeiro golpe, revelando a Vivie e Frank que seu amor é impossível, uma vez que eles são, na verdade, filhos do mesmo pai, o Reverendo Gardner. O clímax da peça situa-se, sem dúvida, neste confronto Vivie-Crofts-Frank, sobretudo no momento em que Vivie se coloca na mira do fuzil que Frank aponta para Crofts. O Quarto Ato possui características de **dénouement**, com Vivie instalada no escritório de sua amiga Honoria Fraser, disposta a se tornar uma mulher profissionalmente independente, capaz de escolher seus caminhos sem subserviências conjugais ou intromissões maternas. Como ela declara abertamente a Frank e Praed: “Se nós três desejamos continuar amigos, vocês deverão me tratar como uma simples mulher de negócios (a Frank), definitivamente solteira (a Praed) e definitivamente prosaica” (Shaw, 1976, p.122). A segunda metade do ato registra o confronto final mãe-filha, do qual Vivie sai vitoriosa, rejeitando os argumentos da mãe e partindo para uma vida livre de amarras, longe da Sra. Warren e seu mundo.

Duas Mulheres em Conflito

Deparamo-nos com duas mulheres fortes em *A Profissão da Sra. Warren*. Uma comparação de suas personalidades e desejos faz-se necessária para que compreendamos a evolução dos sentimentos que nutrem individualmente e possamos avaliar a dimensão do conflito final que as separa para sempre.

A Sra. Warren que Shaw submete ao nosso exame tem entre quarenta e cinquenta anos, é ainda atraente, veste-se com roupas caras, “vistosas” porém nem sempre elegantes, e possui a aparência de “uma

mulher autoritária ... e decididamente vulgar" (Shaw, 1976, p.22). Sua força se manifesta na maneira como se comporta e interage com as demais personagens. De fato, Kitty Warren só demonstra sinais de vulnerabilidade em sua relação com a filha, cuja presença parece deixá-la frágil, desejosa de aceitação e afeto. Vivie Warren, por outro lado, reúne as características da Nova Mulher dos fins do século XIX: possui temperamento marcante, resoluto, e mostra-se disposta a fazer sua vida fora do lar, tentando conquistar seu lugar no mercado de trabalho, em acirrada disputa com os homens que o dominam. Shaw a descreve como uma jovem "inteligente e instruída", de vinte e dois anos, "esbelta, sadia e segura de si", demonstrando "simplicidade e elegância" no vestir (Shaw, 1976, p.11).

Comparativamente falando, observamos que mãe e filha apresentam algumas semelhanças de temperamento, porém tendem a ocupar posições diametralmente opostas do ponto de vista comportamental e filosófico. Kitty Warren é realista, tem perfeita noção de quem ela é e de como ela se comporta, orgulha-se do seu trabalho, e quer ajudar a filha a colocar-se no mundo; Vivie é igualmente realista, sabe exatamente o que quer da vida, e é forte o bastante para rejeitar a ajuda da mãe. A construção do conflito se dá ao longo do tempo: uma vez ultrapassada a fase crítica da infância e adolescência, quando Kitty achou por bem afastar Vivie de qualquer contato com seu círculo, e sobretudo após a confissão que revela a verdade sobre seu passado, manifesta-se em sua psique uma urgência em recuperar o tempo perdido e participar mais ativamente da vida da filha. Sua fragilidade diante desta traduz-se em atitudes autoritárias de tipo maternal, a um tempo convencionais, ternas e controladoras. Para Vivie, entretanto, não há outro caminho senão aquele traçado por ela própria como mulher de negócios, eficiente e moderna. De personalidade firme, equilibrada e serena, acostumada a estar só, pouco suscetível a apelos de ordem sentimental, Vivie mostra-se pouco interessada em ter uma real aproximação com a mãe.

O grande choque entre mãe e filha origina-se, certamente, a partir da revelação de que Kitty ainda continua praticando sua profissão e que, na verdade, seus negócios só têm feito prosperar nos últimos anos. Na mente de Vivie, que supunha ter a mãe se afastado completamente de suas atividades, a figura materna vista como vítima da sociedade passa a ser substituída por outra, a da empresária que explora mulheres e sente-se justificada em agir assim. Tal descoberta,

somada ao fato de Kitty querer usar seu patrimônio para conquistar o respeito de Vivie e garantir sua lealdade, acenando-lhe com os benefícios que podem advir do acesso às melhores oportunidades sociais, acaba por alienar Vivie definitivamente, contribuindo para sua decisão de afastar-se totalmente da mãe. Não podemos deixar de notar que o final do Segundo Ato e o final do Quarto Ato são opostos perfeitos: no Segundo Ato, mãe e filha terminam abraçadas, com Vivie prometendo tomar conta da mãe e esta abençoando Vivie, selando harmoniosamente uma relação que nunca havia sido tão íntima e calorosa; no Quarto Ato, mãe e filha se separam para sempre, com Vivie rejeitando a mãe e sendo amaldiçoada por esta.

Não estaríamos longe da verdade ao afirmar que Kitty Warren projeta para a filha a vida que ela própria nunca conseguiu ter. Sua chantagem emocional na cena de confronto entre ela e Vivie no Quarto Ato é parcialmente involuntária, uma vez que ela tem por meta a realização de seu sonho mais recôndito: ver a filha bem casada, vivendo como uma respeitável senhora da sociedade. O supremo desejo de readquirir respeitabilidade, mesmo que através de Vivie, pode ser detectado nas referências à irmã Liz, prostituta como Kitty, mas dotada de ares de grande dama, o que lhe permite aposentar-se rica e viver entre a melhor sociedade de Winchester. Ela recorda:

Liz era uma perfeita **lady**, ao passo que eu sempre fui um pouco vulgar. Quando você me mandava as suas fotografias, eu ficava contente de ver que você se parecia com Liz, o mesmo jeito de **lady**, o mesmo ar resoluto (Shaw, 1976, p.76).

Se Kitty Warren é corajosa o bastante para traçar de si um auto-retrato tão verdadeiro e desprovido de notas narcisistas ou falsas ilusões, ela contudo exige respeito e reconhecimento por suas conquistas e pelos benefícios que sua vida "irregular" proporcionou a Vivie. Se sua oferta de ajuda é manipulatória, ela também prova sua generosidade e desejo de reunião com a filha. Para Kitty, que sentimentalmente reserva seus anos de velhice para Vivie, a recusa desta em partilhar do seu dinheiro e, sobretudo, sua decisão de afastar-se definitivamente da mãe, assumem dimensões odiosas. Ela exclama:

Que injustiça, que injustiça, que injustiça! Sempre quis ser uma boa mulher. Tentei trabalhar honestamente e fui tratada como uma escrava até o dia

em que amaldiçoei o instante no qual, pela primeira vez, ouvi falar de um trabalho honesto. Fui uma boa mãe. E porque fiz de minha filha uma mulher honesta é que ela se volta agora contra mim, como se eu fosse uma leprosa! (Shaw, 1976, p.141).

A maldição que Kitty lança sobre a filha tem por impulso a ruptura de algo sagrado a seus olhos: o dever de uma filha para com sua mãe. Sua confissão de arrependimento em ter criado Vivie como uma mulher honesta não pode ser levada a sério e é fruto da fúria de se ver humilhada e ofendida pela própria filha, coisa que Kitty não aturaria de ninguém, e que ela encara como um supremo ato de traição. Suas reações expressam consonância com seu temperamento expansivo e sua trajetória de mulher endurecida pelo mundo. A fragilidade essencial de Kitty se manifesta nesta como em outras cenas com Vivie. Podemos detectá-la subjacente à película protetora que a envolve, como uma segunda pele, facilitando sua existência em meio às asperezas da vida. Vivie, por outro lado, não pode fazer nada que destrua sua inabalável intenção de construir sua vida ao longo de uma honestidade fundamental. Para ela, a idéia de continuar usufruindo do dinheiro da mãe é abjeta, bem como o seria um casamento de conveniência e o embarcar numa vida burguesa ociosa, com seus rituais vazios. Definitiva, entretanto, é sua rejeição à mãe no que esta apresenta de comportamento convencional: é o apego de Kitty Warren às convenções burguesas – seu sonho de viver uma velhice tranqüila amparada por uma filha elevada à condição de grande dama da sociedade – que Vivie não pode suportar. Ela confessa:

Sim, é melhor escolher o próprio caminho e segui-lo até o fim. Se eu tivesse sido você, mamãe, teria feito a mesma coisa. Mas eu não levaria uma vida acreditando em uma outra. Você é uma mulher convencional, no fundo. É por isso que agora eu lhe digo adeus. Tenho razão, não é verdade? (Shaw, 1976, p.141).

Observamos que não só os sentimentos mas a própria personalidade das duas mulheres conduzem-nas a um impasse: Kitty Warren pode ser cínica e dura mas, no íntimo, revela-se frágil, apegada aos seu sonho sentimental de acabar seus dias ao lado da filha; Vivie, sem ser insensível aos apelos da mãe, possui a frieza

necessária para sugerir-lhe que siga seu caminho, deixando-a para trás. Criada por estranhos, de índole franca e direta, seu ponto de vista é conduzido pelo bom senso. No Primeiro Ato, ela escandaliza Praed ao afirmar que seu ideal de lazer é, após um árduo dia de trabalho, desfrutar do conforto e dos prazeres de "uma poltrona, um charuto, um pouco de uísque e de um bom romance policial" (Shaw, 1976, p.17).

No que tange às relações de gênero, notamos que Shaw subverte os padrões de comportamento de sua época de forma bastante provocadora. Para Kitty, a prostituição é uma via de acesso ao poder. Tirando partido de sua existência numa sociedade falocêntrica, através de sua sexualidade e de sua capacidade de extrair excepcional proveito de sua profissão, Kitty faz uso do próprio objeto opressor, assegura sua independência financeira, e torna-se apta a lidar com os homens de igual para igual. Como ela tenta explicar a Vivie, ser rica "significa ter a seus pés todos os homens da Europa" (Shaw, 1976, p.135). Vendendo seu corpo e administrando o corpo de outras mulheres, Kitty submete-se ao mal inevitável e tenta fazê-lo trabalhar a seu favor. Sem ilusões, ela declara:

O único meio de uma mulher conseguir o seu sustento de maneira decente é ser agradável a um homem que possui o suficiente para ser agradável a ela. Se os dois pertencem à mesma classe, ela deve deixar que ele se case com ela. Mas, se ela for de condição inferior, o que poderá esperar? (Shaw, 1976, p.75).

Entre morrer envenenada trabalhando a troco de quase nada numa fábrica de alvaiade, como sua irmã Anne Jane, ou passar a vida como uma mísera empregada de um bar suburbano, como teria sido o seu destino, Kitty Warren vê na prostituição a única opção "decente", economicamente interessante, aberta à maioria das mulheres pobres:

É claro que compensa para uma moça pobre que seja bonita, ajuizada e saiba resistir às tentações. É muito melhor do que qualquer outro emprego. Sempre achei que não deveria ser assim. É injusto, eu sei, mas não existem oportunidades melhores. Certo ou errado, é assim. Só resta tirar o melhor proveito possível. (Shaw, 1976, p.74).

Reay Tannahill corrobora as palavras de Kitty Warren ao descrever comportamentos sexuais na Inglaterra do Século XIX, quando o constante movimento migratório do campo para a cidade e o acelerado processo de industrialização criaram sórdidas condições de vida para uma grande parte da população e obrigaram um número elevado de mulheres pertencentes às classes mais desfavorecidas a recorrer à prostituição como única forma de sobrevivência ou como fonte de complementação salarial (Tannahill, 1981, p.358). Para mulheres como Vivie, no entanto, a situação já se afigura nitidamente diferente. Educadas, de temperamento independente e ferozmente avessas a qualquer tipo de restrição de ordem doméstica imposta à mulher, Vivie, Honoria e outras Novas Mulheres lutam por igualdade com os homens nos próprios templos da hegemonia masculina. Para tanto, abdicam das tradicionais atitudes de seu sexo e adotam formas de comportamento nitidamente masculinas. Virilizando-se, elas declaram sua independência em relação aos homens nos planos profissional e afetivo.

Shaw retrata Vivie com simpatia, oferecendo-nos uma heroína física e mentalmente saudável, interessada em ter uma vida útil, construtiva, voltada para atividades produtivas. Em suma, uma mulher para o futuro, movida por uma nova filosofia de vida e uma nova ética de trabalho, avessa a romances, desprovida dos sonhos e ilusões típicos de qualquer jovem de sua idade, e definitivamente pouco ou nada afeita à vida doméstica tradicional. A facilidade com a qual Vivie encara o fim de seu namoro com Frank, sua amizade com Honoria Fraser e sua intenção de entrar numa sociedade com a amiga, a satisfação com que descreve a perfeita união das duas, após o trabalho, "fumando e conversando", sugere um espírito de camaradagem e harmonia, um mundo onde o homem como parceiro romântico é inteiramente dispensável.

Não há nenhuma evidência que possa sugerir uma relação de cunho sexual entre as duas mulheres. Podemos supor que Shaw tenha preferido não introduzir o tema do lesbianismo na peça, já que isto contribuiria para uma sobrecarga no que diz respeito aos aspectos polêmicos da obra, afastando-a de seus objetivos fundamentais. Para Shaw foi politicamente mais válido promover a idéia de que a mulher pode, uma vez educada para tal, deixar para trás sua tradicional dependência em relação ao homem. Possibilidades de expressão e relacionamento sexual à parte, *A Profissão da Sra. Warren* afirma o

direito da mulher à plenitude na realização de seus anseios, seja no âmbito doméstico, seja na esfera pública, propondo sua participação nos rituais sociais em condições de igualdade com o homem.

Num certo nível, *A Profissão da Sra. Warren* também nos remete aos conceitos de identidade e alteridade. Focalizando uma sociedade altamente hierarquizada, de baixa mobilidade, com elevado índice de marginalização, a questão do Outro se impõe na medida em que as personagens projetam *personae* de difícil integração a nível ideológico e afetivo, cada qual poço de irreconciliáveis desejos. Kitty e Vivie são, assim, fadadas à afirmação de eus autônomos, concretizando lutas individuais ao longo de diferentes caminhos. A apropriação da pessoa de Vivie por Kitty através de seus "direitos de mãe" não pode se dar sem que aquela renuncie à "paz" e à "quietude" de toda a sua vida (Shaw, 1976, p.139).

De fato, durante toda a ação, interessa-nos saber se Vivie, a partir da descoberta das verdades que marcam sua pessoa de forma indelével, manterá sua trajetória de mulher independente, capaz de gerir sua vida a partir de suas convicções pessoais. Não há dúvida de que Vivie personifica a Nova Mulher: prática, capaz, eficiente. Curiosamente, são estas mesmas características que tornaram a Sra. Warren vitoriosa em seus negócios. É na história das duas mulheres que encontramos explicação para tais pontos de convergência e divergência: ao contrário de Kitty, Vivie teve a chance de receber uma sólida educação e encontra-se, portanto, melhor equipada para enfrentar o mundo. Mãe e filha são capazes de lutar por reconhecimento e sucesso num ambiente dominado por homens, mas alcançam seus objetivos através de procedimentos diferentes: Vivie o faz através da razão, ao passo que Kitty se impõe usando as velhas armas da sedução e da astúcia para driblar seus oponentes e vencê-los.

Embora sem torná-lo demasiado óbvio, Shaw parece desejar que tomemos o partido de Vivie, que vejamos a ação de sua perspectiva. Afinal, apesar de a peça ser intitulada *A Profissão da Sra. Warren*, é a trajetória de Vivie que acompanhamos da primeira à última cena. Não podemos deixar de perceber que a Sra. Warren surge quase sempre marginalmente e, no Terceiro Ato, aparece só por alguns instantes. É, pois, Vivie que acompanhamos em sucessivos encontros com Praed, Frank, Crofts e com a própria mãe. No final, temos a impressão de que embarcamos numa peça chamada *A*

Profissão de Vivie Warren, quando esta, livre da mãe, se prepara para viver sua vida inteiramente dedicada ao trabalho.

Shaw, a Prostituição e a Sociedade

Ao abordar o tema da prostituição e ao contrastar suas personagens, Shaw tece algumas considerações sobre a sociedade de sua época. Lemos em seu prefácio:

A Profissão da Sra. Warren foi escrita em 1894 para chamar atenção para o fato que a prostituição não é causada por depravação feminina ou licenciosidade masculina, mas simplesmente porque se paga mal, se menospreza e se sobrecarrega as mulheres de trabalho de modo tão vergonhoso que as mais pobres são forçadas a recorrer à prostituição para manter juntos corpo e alma. Na verdade, toda mulher atraente perde dinheiro caso se mantenha infalivelmente virtuosa ou não contraia um casamento de certa forma venal. Se, num contexto social mais amplo, temos o que chamamos “vício” ao invés daquilo que denominamos “virtude”, isto se dá simplesmente porque pagamos mais pelo primeiro. Nenhuma mulher normal se prostituiria se pudesse manter-se respeitável legitimamente; ela tampouco casaria por dinheiro se pudesse se dar ao luxo de casar por amor” (Shaw, 1940, p.3).

Referindo-se aos casamentos de conveniência, tão ao gosto da sociedade de seu tempo, Shaw toca numa questão de teor cultural e psicológico das mais interessantes: os hábitos sexuais da burguesia vitoriana. No próprio ano de composição de *A Profissão da Sra. Warren*, um ensaio da norte-americana Alice Stockham declara que o marido que tem relações com sua mulher sem o propósito específico de engravidá-la faz dela uma prostituta (Tannahill, p.355). Enfrentando situações de impedimento de atividade sexual durante os períodos de menstruação e gravidez (a mulher vitoriana de classe média tinha em média seis filhos, de acordo com dados de 1871), e lidando com mulheres pouco estimuladas ao exercício pleno de sua sexualidade, o homem vitoriano passou a levar a satisfação de seus instintos para fora de casa. Segundo Tannahill, a prostituição floresceu

como nunca na Inglaterra vitoriana e foi nisso ajudada pelo próprio comportamento sexual da alta e média burguesia. Após décadas de contínua e sistemática repressão psicológica e sexual da mulher, impedindo-a de erotizar a relação conjugal e forçando-a a ver o ato sexual como uma obrigação cuja principal finalidade seria a procriação, criou-se uma situação na qual os maridos sentiram-se encorajados a procurar suas esposas o mínimo possível –sugeria-se a freqüência de uma relação sexual por mês como ideal, a fim de não se ferir demasiado a sensibilidade de mulheres tidas como delicadas flores de estufa – e a despendar suas energias e fantasias eróticas fora do lar, na companhia de mulheres menos "sagradas" (Tannahill, p.355). Assim, sob o verniz de respeitabilidade burguesa e condenando hipocritamente a prática da prostituição, toda uma sociedade incentivou esta prática sem ter coragem de encará-la publicamente.

Segundo Shaw, "Nada agradaria mais ao nosso santarrão público inglês do que jogar toda a culpa da profissão da Sra. Warren na própria Sra. Warren. Ora, o objetivo de minha peça é jogar esta culpa no público inglês" (Shaw, 1940, p.22). Como demonstra o autor, Kitty Warren parte de uma juventude miserável, segue o exemplo da irmã e usa a prostituição como uma estratégia de sobrevivência num contexto sócio-econômico que não lhe oferece opções profissionais mais favoráveis. No seu caso, graças a encontros bem conduzidos, à sua bem sucedida sociedade com o aristocrata Crofts, e a seu próprio tino comercial, vemos uma mulher se erguer acima do nível da maioria das suas colegas de profissão e transformar-se em administradora de casas de tolerância de alto luxo em cidades como Ostende, Bruxelas, Viena e Budapeste. Não podemos deixar de observar que o sucesso de Kitty Warren em sua profissão é exemplo perfeito de planejamento e execução de ações estratégicas pertencentes ao mundo capitalista. Tal procedimento enquadra-se nas intenções de comentário político do autor:

Também desejei denunciar o fato de que a prostituição é não só conduzida de maneira desorganizada por iniciativa individual nos alojamentos de mulheres solitárias, cada qual sua própria senhora bem como senhora de qualquer freguês, mas é também organizada e explorada como um grande negócio internacional voltado para o lucro de capitalistas,

como qualquer outra iniciativa empresarial, e muito lucrativa para grandes imóveis urbanos, inclusive propriedades da Igreja, através do aluguel das casas nas quais é praticada (Shaw, 1940, p.3).

Com isso, acrescenta Shaw, identificamos a existência de "uma classe influente e poderosa com um grande interesse pecuniário em proteger a profissão da Sra. Warren, e uma importante razão para esconder, de suas consciências e do mundo, as fontes verdadeiras dos seus ganhos" (Shaw, 1940, p.29).

Falando de uma época tristemente célebre por sua exploração da força de trabalho de homens, mulheres e crianças, quase todos tratados de forma desumana e desprotegidos por qualquer tipo de legislação trabalhista, Shaw apresenta o caso da mulher das classes inferiores em termos de um destino altamente condicionado por esquálidas condições de vida:

[...] a maioria das jovens inglesas permanecem tão pobres, tão dependentes, tão intensamente cientes de que o peso e o enfado do trabalho honesto a elas destinado irão eventualmente conduzi-las à doença pulmonar, à morte precoce e à brutalidade e abandono domésticos, que elas achariam razões para preferir a vida fácil aos caminhos pedregosos da virtude. (Shaw, 1940, p.8).

De fato, concordamos com todas as justificativas que Kitty apresenta para explicar sua escolha entre uma vida honesta, "lavando o chão, ganhando uma miséria por dia, com a única esperança de sermos internadas num asilo de velhas", e uma vida de meretriz. Ninguém, muito menos, contestaria sua afirmação: "De que vale uma mulher, de que vale uma vida sem respeito?" (Shaw, 1976, p.75). Aliás, Shaw deixa claro que a "Sra. Warren não é nem um pouco pior que a respeitável filha que não pode suportá-la" (Shaw, 1940, p.22). No entanto, temos consciência de que estamos diante de uma escolha imoral em termos, sobretudo, de responsabilidade social:

Embora seja bastante natural e correto para a Sra. Warren escolher o que é, de acordo com sua maneira de pensar, a alternativa menos imoral, não deixa de ser infame que a sociedade lhe ofereça tal alternativa.

Porque as alternativas oferecidas não são moralidade e imoralidade, mas duas formas de imoralidade ... O homem que não consegue ver que fome, excesso de trabalho, sujeira e doença são tão anti-sociais quanto a prostituição – porque estes são os vícios e os crimes de uma nação, e não apenas suas desventuras – é (expressando-nos tão polidamente quanto possível) uma pessoa irremediavelmente alienada (Shaw, 1940, p.23).

A sociedade que condena a prostituição mas fecha os olhos para suas causas mais óbvias justifica e legitima o discurso de Kitty Warren sem oferecer-lhe, contudo, outras alternativas decentes de ganhar sua vida. A prática da prostituição infantil, difundida no século XIX de modo a atender clientes atraídos por ninfetas ou desejosos de evitar o contágio de doenças venéreas, e que resultou num amplo comércio de meninas virgens entre 12 e 15 anos (Tannahill, p.374), foi continuamente alimentada pelas condições sociais que Shaw denuncia.

Em *A Profissão da Sra. Warren* Shaw mostra o resultado concreto das condições de vida experimentadas pela mulher inglesa do século XIX – Kitty Warren, prostituta – e propõe um modelo – Vivie Warren, mulher de negócios – que ele oferece como contribuição para o estabelecimento de um novo paradigma do Feminino. Se atentarmos bem, veremos que sua Nova Mulher possui todos os requisitos para a construção de uma vida útil e feliz, podendo vir a ser parte da célula de uma nova sociedade, para tanto necessitando apenas do surgimento de um Novo Homem. Se Vivie opta pela solidão amorosa, pela amizade de Honoria e pelo trabalho ao invés de procurar o seu par, talvez seja porque o Novo Homem ainda não tenha surgido em seu horizonte. Seria interessante saber, cem anos depois, quais seriam suas reais opções. Do mesmo modo, e mais tristemente, poderíamos constatar como são feitas e como vivem as Sras. Warren de nossos dias.

A Profissão da Sra. Warren é um “drama de idéias” na melhor tradição do autor. Em confrontos sucessivos entre Vivie, Praed, Frank, Crofts e a Sra. Warren, Shaw examina a sociedade de seu tempo e denuncia as desigualdades, injustiças, preconceitos e mesquinhas que oprimiam a mulher, subtraindo-lhe a possibilidade de uma participação mais efetiva na condução das questões sociais, políticas e

econômicas da época. Tal desequilíbrio e ausência de harmonia nas relações de gênero não poderia deixar de ser sentida e criticada por um autor tão atento a estas questões, trazendo-as para exame e debate na luta para a construção de uma sociedade melhor e mais evoluída. Neste sentido, *A Profissão da Sra. Warren* se aproxima mais do teatro de Ibsen e Brecht que dos dramas de Dumas Filho e Pinero. Ainda tristemente válida, sua denúncia carrega seu intenso e sofrido peso de verdade.

Referências Bibliográficas

Bernard Shaw, George. *Nine Plays*. [Tradução nossa]. Nova York: Dodd, Mead & Company, 1940.

Bernard Shaw, George. *A Profissão da Sra. Warren*. Tradução de Cláudio Mello e Souza. São Paulo: Abril, 1976.

Gregersen, Edgar. *Sexual Practices*. The Story of Human Sexuality. Nova York: Franklin Watts, 1983.

Tannahill, Reay. *Sex in History*. Nova York: Stein and Day, 1981.